

os mecanistas, na base de tôdas as manifestações dos sêres vivos só as leis da química e da física existem» (1).

Vitalismo e mecanicismo são pois as duas doutrinas que se teem degladeado em tôrno dos fenómenos biológicos.

A concepção vitalista

A concepção vitalista encontra-se na antigüidade, em Aristóteles, em Pitágoras: o princípio vital é uma espécie de divindade, uma fôrça sem igual, uma entidade metafísica.

No século XVIII o desenvolvimento da ciência torna os sábios mais cuidadosos nas suas afirmações, mas a vida continua a ser um mistério porventura maior que antes, e o vitalismo encontra sérios reforços nos chefes da escola de Montpellier — Barthez, Borden, Grimaud — para os quais a vida é uma fôrça especial, com séde numa parte definida do organismo. No homem, segundo Van Helmont, o princípio vital residia no antro pilórico (2); para Lozzy residia no bolbo raquídeo, num ponto que chamou, e ainda hoje se chama, o *nó vital*. Mas em breve a localização do princípio vital se torna de todo impossível e passa a considerar-se espalhado por todo o organismo.

Com Bichat, o vitalismo toma um novo aspecto. Bichat admite, como vitalista, que entre as propriedades dos corpos vivos e as dos corpos do mundo inorgânico há uma diferença fundamental; mas esta diferença é consequência dos caracteres particulares da própria substância que constitui os sêres vivos. O princípio vital, espécie de fluido imaterial, de fôrça misteriosa, deixa de existir, e assim se cria um *néo-vitalismo*, para o qual «as leis da física e da química são observadas tanto no corpo vivo como fora dêle; as mesmas fôrças naturais interveem num e noutro caso, mas dirigidas de modos diferentes» (1). O *néo-vitalismo*, que é um conceito metafísico, sem conteúdo científico, portanto, mas com aparência de ciência, foi professado não só por Bichat mas também por Cuvier, João Muller, Heidenhain, Reinke, Schrön, Quinke, Herrera, e outros.

A concepção mecanicista

O mecanicismo, que resultou pouco a pouco do progresso científico, não teve representantes na antigüidade, a não ser vagamente Epicuro e Demócrito.

A concepção mecanicista (ou materialista, ou unicista), aparece-nos no séc. XVII. Descartes e Leibniz, embora fazendo certas reservas para a alma, admitem uma identidade completa entre as leis que regem o mundo mineral e as que regem os sêres vivos. Lavoisier e Laplace, demonstrando a identidade dos fenómenos de combustão na química e na biologia, contribuíram fortemente para o revigoramento do mecanicismo, e Claude Bernard, que não distingue o fenómeno biológico do fenómeno fisico-químico, a não ser na grande complexidade daquêle, confirma, com a sua inexcedível

autoridade, a concepção mecanicista, embora reconhecendo que, «a essência e o princípio íntimo dos fenómenos físicos e químicos, escapam-nos tanto como os do mundo vivo».

O mecanicismo é uma teoria derotista, tanto quanto o vitalismo é uma concepção mística. Dentro do pensamento positivo contemporâneo, em face dos dados palpáveis e insufismáveis da Ciência, a teoria vitalista já não é possível. Não admitir uma identidade entre os fenómenos biológicos e os fenómenos fisico-químicos, equivale a fazer da vida uma entidade à parte, revestida de atributos metafísicos e consequentemente anti-científicos. Não queremos dizer que a vida seja um fenómeno fisico-químico; afirmamos que ela é redutível a um grande número de fenómenos fisico-químicos, e que as leis que nós vemos regerem os fenómenos da física e os da

(1) Théophile Cahn: «Os fenómenos biológicos no quadro das ciências exactas» — *Actualités Scientif. et Industr.* n.º 64 (Hermann & C.ª — Paris, 6 frs.).

(2) Passagem do estômago ao intestino.

(1) Dastre — «A Vida e a Morte», pág. 13.